

## **ENTREVISTA com a Profª. Maria Hercília Tribuzy de Magalhães Cordeiro<sup>1</sup>**

**PRISMA:** Cara Profª. Maria Hercília, a PRISMA – Revista de Filosofia do Departamento de Filosofia da UFAM, sente-se honrada e grata com sua disponibilidade para essa entrevista que compõe esse número especial comemorativo aos 60 anos do Curso de Filosofia.

**Profª. Maria Hercília:** Com alegria e júbilo, associo-me às comemorações dos 60 anos do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Sou grata a Deus por fazer parte desta história e de poder compartilhar com vocês, nesta entrevista, as memórias dos 30 anos dos mais prazerosos de minha existência, dedicados ao Curso e a UFAM.

**PRISMA:** Profª. Maria Hercília, gostaríamos que relatasse um pouco sobre o contexto de sua formação escolar, as razões da escolha do curso superior, etc.

**Profª. Maria Hercília:** Minha vocação para o magistério foi herdada de minha mãe, professora Hilda de Azevedo Tribuzy. O seu amor pelo magistério contagiou todos os filhos. Com este propósito, ao concluir o ginásial, ingressei em 1960, no Curso de Formação de Professores do Instituto de Educação do Amazonas - IEA, o qual concluí em 1962. Concomitante a este, fiz o Curso Técnico em Contabilidade na Escola Técnica de Comércio Senador Lopes Gonçalves. Como a maioria dos jovens, durante o ensino médio, sonhava em prosseguir os estudos em cursos superiores e, de certa forma, minha geração foi privilegiada com a criação, pelo Estado do Amazonas, da Faculdade de Filosofia, em 1959, que ampliava o reduzido leque de oferta de cursos superiores em nossa cidade de Manaus. Filosofia, felizmente, estava entre os novos cursos.

Iniciei minha formação superior em 1963, na terceira turma do curso de Licenciatura em Filosofia na Faculdade de Filosofia, a qual foi incorporada à Universidade do Amazonas, por ocasião de sua instalação em janeiro de 1965. Concluí o respectivo curso em 1966. Em agosto de 1975, finalizei o Mestrado em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ.

Decidi-me pelo curso de Filosofia quando ainda aluna do IEA, no último ano do Curso de Formação de Professores, cursando a disciplina Filosofia. Tive a felicidade de

---

<sup>1</sup> Professora aposentada do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas. É Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ. Foi Reitora do Centro Universitário do Norte - UNINORTE, em Manaus, de 2004 a 2012. Email: [mherciliatmc@gmail.com](mailto:mherciliatmc@gmail.com)

ser aluna da competentíssima Professora Mariza Correa, que com suas aulas nos abria novos horizontes nos revelando um novo mundo, o que despertou em mim o interesse em prosseguir os estudos filosóficos no curso superior de Licenciatura em Filosofia. Suas aulas, inclusive, me ajudaram a ingressar na Faculdade, visto que àquela época o processo seletivo consistia em provas escritas e orais de Língua Portuguesa, Língua estrangeira (optei pelo Inglês) e História da Filosofia, o que exigia dos candidatos um conhecimento prévio de história da Filosofia.

**PRISMA:** E sobre seu ingresso e formação na graduação, local de atuação do curso, as interações interpessoais, etc.

**Prof<sup>a</sup>. Maria Hercília:** O Curso de Filosofia, desde o seu início em 1961, funcionava num prédio da rua José Paranguá, juntamente com os outros cursos da Faculdade de Filosofia e da Faculdade de Ciências Econômicas. Em minha turma de 1963, ingressaram muitos alunos, não lembro exatamente quantos, mas destes, somente nove, contando comigo, colaram grau em 1966: Freida Bittencourt, Geralda Guimarães, Neusa D'elia, Nízia Sales, Regina Bessa, Raimunda Araújo, Waldemarina Borges, Zoraide Veiga e eu. Havia muito empatia entre nós. Era uma turma muito unida que se ajudava mutuamente. Faço questão de mencionar que entre os colegas, na 1ª série, estava a jovem Maria Matilde Hosannah da Silva, a qual por motivo muito justo, precisou interromper o curso por alguns anos. Para nossa alegria, ao retornar e concluí-lo, passou a integrar o corpo docente do Departamento de Filosofia, juntamente comigo e nossa saudosa Professora Geralda, as quais presto minha carinhosa homenagem.

Foi com muita expectativa e euforia que iniciei o curso de Filosofia e no decorrer deste primeiro ano, a medida que as aulas eram ministradas, o encantamento aumentava. Tivemos professores maravilhosos! Nossa turma teve a felicidade de ser introduzida nos estudos filosóficos por um jovem e competentíssimo professor que marcou de forma indelével nossa vida acadêmica. Poderia falar sobre suas aulas, mas prefiro fazer uma analogia para expressar o que o Professor João Bosco Bezerra de Araújo representou para nós, ou pelo menos para mim: imaginemos a Filosofia como se fosse um majestoso palácio real e, quando chegamos a sua porta, fomos acolhidos pelo anfitrião, Professor João Bosco, que cordialmente nele nos introduziu e, nesta primeira visita, já nos levou a percorrer e conhecer todos, sem exceção, cada aposento deste palácio e nos deixar seduzidos com tanta beleza!

Neste ano de ingresso também foram nossos professores Pe. Luis de Lima Ruas e Josef Anton Dörner, ambos mestres competentíssimos, e a eles, a minha homenagem e eterna gratidão pois foram suas aulas que me motivaram a escolher "Lógica" como área de concentração de meus estudos.

**PRISMA:** Poderia nos contar sobre o contexto histórico-social do período em que estive na graduação, sobre a estrutura curricular do curso, sobre as aulas, os professores, etc.

**Prof<sup>a</sup>. Maria Hercília:** Acredito que não poderia ter havido momento mais significativo para iniciar o Curso de Filosofia em Manaus que o final da década de cinquenta e início dos anos sessenta, dada sua natureza reflexiva e seu papel de formador de consciências críticas.

O Brasil vivia momentos difíceis, numa grande turbulência política. Vários acontecimentos, tais como a renúncia, em 1961, do Presidente da República Jânio Quadros e a realização de um plebiscito, em 1963, para decidir entre Parlamentarismo ou Presidencialismo, cujo resultado, a escolha pelo Presidencialismo desagradou a muitos, foram gerando uma instabilidade política e social que levou a nação a uma disputa acirrada entre forças ideológicas antagônicas. Tudo culminou, como sabemos, com o movimento de 31 de março de 1964 e suas consequências.

Neste clima tenso no país, cursamos os primeiros anos do Curso de Filosofia. Lembro que nosso estimado Professor Pe. Ruas, que além de professor e padre, era poeta, artista e filósofo, ficou detido por várias semanas e era muito grande nossa apreensão e preocupação.

A Faculdade adotava o regime seriado anual. A estrutura curricular, à época de minha formação nos 4 anos do curso, era a seguinte: na 1ª série: Introdução à Filosofia, História da Filosofia, Lógica e Psicologia Geral; na 2ª série: Teoria do Conhecimento, História da Filosofia, Logística, Psicologia e Sociologia; na 3ª série: Filosofia Geral, História da Filosofia, Ética, Psicologia Racional e Didática Geral; e na 4ª série: Estética, Psicologia Educacional, Elementos de Administração Escolar, Didática Especial e Prática de Ensino.

Os docentes que contribuíram para minha formação durante o curso foram os seguintes professores: João Bosco Bezerra de Araújo, Josef Anton Dörner, Pe. Luis de Lima Ruas, André Araújo, Cônego Walter Nogueira, Pe. Argentino Cescon, Enock Reis, José Alves de Araújo (que à época, era Frei Alberto de Manaus), Maria Enedina

Hosannah da Silva e Silva, Maria de Lourdes Telles Pinheiro, Maria Clara Dantas e Orígenes Martins. Todos competentes e empenhados, contudo, muito diferentes entre si. O importante é que cada um, utilizando didáticas e metodologias que julgava mais apropriadas para sua atuação docente, esforçava-se para fazer o melhor.

Minha gratidão a todos pelo muito que contribuíram para minha formação profissional e pela amizade que foi se consolidando entre nós, ao longo dos anos.

**PRISMA:** E sobre sua experiência profissional enquanto docente na UFAM? Quais as particularidades? Quais os desafios e dificuldades no exercício da docência superior?

**Prof<sup>a</sup>. Maria Hercília:** Atuei como docente na UFAM de 1967 a 1991, ano em que me aposentei. Recém-formada no curso de Filosofia e ainda bem jovem aos 22 anos, fui contratada, pela Universidade, para cadeira de Lógica, que correspondia a um regime de 12 horas semanais. Ao retornar do mestrado, meu contrato de trabalho foi alterado para horário integral e dedicação exclusiva, que me possibilitou trabalhar não apenas no curso de Filosofia, como também em outros cursos das áreas de humanas e exatas, ministrando várias disciplinas em cursos de graduação: Lógica I, Lógica II (Lógica Matemática) Teoria do Conhecimento, Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, Prática de Ensino em Filosofia I, e Prática de Ensino em Filosofia II e a disciplina Lógica no curso de Mestrado em Educação da FAGED/UFAM.

Quanto aos desafios e dificuldades que enfrentei no magistério da UFAM, foram os seguintes: a primeira dificuldade, que remonta aos tempos estudantis, era quanto à bibliografia pois ainda não contávamos, na Faculdade, com uma biblioteca que atendesse nossa demanda e o desafio que se nos apresentava era buscar meios de superá-la. Neste sentido, gostaria de registrar meu agradecimento ao Professor João Bosco Araújo e André Araújo, meus amados e inesquecíveis mestres, que nos permitiam o acesso à biblioteca particular de suas residências, onde podíamos fazer consultas, leituras e até copiar (à mão) pequenos textos para atender nossas necessidades de estudos.

A segunda dificuldade era a inexistência em Manaus de pós-graduação *stricto sensu*, e meu desejo era prosseguir os estudos, razão que me levou a concorrer, graças a Deus com êxito, a uma das poucas vagas do curso de Mestrado, oferecido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ, no ano de 1972. Foi para mim um grande desafio! Muito feliz cursei e concluí o mestrado. Contudo, durante sua realização, enfrentei uma terceira dificuldade, bastante desafiadora: a dificuldade financeira. Como

a PUC é uma instituição privada, o curso era pago e meu salário da UFAM era correspondente a um salário de 12 horas semanais, e não recebi nenhuma bolsa de estudos.

Outro grande desafio que vivenciei ao longo de meu exercício do magistério na UFAM foi conciliar as atividades administrativas com as atividades acadêmicas esforçando-me para cumprir, da melhor forma possível, as obrigações que me eram devidas.

**PRISMA:** Quanto às satisfações e contribuições alcançadas por meio do exercício da docência na UFAM, o que que gostaria de comentar?

**Prof<sup>a</sup>. Maria Hercília:** A minha maior satisfação era estar em sala de aula com meus alunos, razão porque mesmo tendo exercido várias funções administrativas na UFAM, nunca abandonei a sala de aula. Este era o meu maior prazer!

Creio que foi a partir desta dedicação e amor pelo que fazia, que me veio uma outra imensa satisfação: o fato de ter sido, durante muitos e muitos anos carinhosamente homenageada por meus alunos, no momento da conclusão do curso, seja como “Nome” da turma, seja como Parainfa, ou como Patrona. Era minha maior recompensa!

Cito ainda uma outra satisfação, alcançada como fruto de meu trabalho: o fato de ter sido agraciada com medalhas de mérito, concedidas pelo Conselho Estadual de Educação do Amazonas, Associação PanAmazônia, Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas e Instituto de Educação do Amazonas, além de ter sido homenageada pelo Governo do Estado do Amazonas ao dar meu nome a uma das salas na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Amazonas - UEA e pelo Centro Universitário do Norte - UNINORTE, ao dar meu nome ao teatro da Instituição.

Uma importante contribuição alcançada obtive quando houve o enquadramento na carreira docente da UFAM. Era eu uma das poucas professoras no Instituto de Ciências Humanas e Letras- ICHL, portadora do título de mestre, o que me possibilitou ser enquadrada na categoria de Titular.

**PRISMA:** Quais experiências foram importantes durante a trajetória de atuação docente?

**Prof<sup>a</sup>. Maria Hercília:** Começo dizendo que a complexidade da disciplina Lógica que lecionava e a dificuldade dos alunos de acompanhar o plano de ensino programado me levaram a seguinte reflexão: o processo ensino-aprendizagem é uma relação que

envolve "quem ensina" e "quem aprende". O processo só se concretiza se de fato houver o ensino e conseqüente aprendizagem deste ensino. Logo, se o processo não se concretiza, fracassou na tentativa e acontece a reprovação, e assim ambos, "professor" e "aluno", são reprovados.

Fiz uma autocrítica para identificar minha parcela de culpa e comecei a me perguntar o que da minha parte poderia fazer para buscar sempre um resultado exitoso, sem perder o rigor nas avaliações.

Decidi adotar as seguintes estratégias: primeiramente, buscar formas de motivar os alunos para que se apaixonassem pela disciplina Lógica e convencê-los da relevância da assiduidade, pois uma aula perdida poderia inviabilizar o entendimento das aulas seguintes. Em seguida, incentivar a criação de grupos de estudos e colocar-me à disposição dos alunos, tanto no Departamento de Filosofia como em minha residência, ministrando gratuitamente aulas de reforço, quantas necessárias fossem, para que nenhum interessado ficasse à deriva. Além de alcançar os objetivos desejados, criou-se um grande laço afetivo entre nós. Por fim, criei um mecanismo de avaliação, que ajudou vários alunos a se auto superarem. O calendário acadêmico estipulava uma data para o lançamento das notas de cada bimestre. Então, fiz a seguinte proposta: o aluno que quisesse uma nova chance para aumentar sua nota, pediria a anulação da primeira e eu lhe daria a oportunidade de uma nova prova, mais rigorosa do que a outra, colocando-me, no entanto, sempre à disposição para revisar os conteúdos em horários extra sala de aula. O desafio deu certo e muitos alunos se apaixonaram pela disciplina, buscando sempre melhorar sua performance.

**PRISMA:** Como ficou a relação com professores e alunos do Curso de Filosofia após sua aposentadoria? E quais atividades profissionais desenvolveu após encerrar sua carreira no Curso?

**Prof<sup>a</sup>. Maria Hercília:** Após minha aposentadoria em 1991, permaneci trabalhando na PROEG até 1993, mantendo contato permanente com alunos e professores do curso. Além disso, continuei integrando bancas examinadoras de concurso para contratação de novos docentes para o Departamento de Filosofia. Participei de encontros com a comunidade do curso, sempre que convidada. Por valorizar os professores e egressos do curso de Filosofia, os indicava para ministrar disciplinas em cursos de graduação e pós-graduação no UNINORTE, instituição que dirigia, buscando, conscientemente, a interação com os membros do curso.

Na UFAM, fui ainda, Pró-Reitora de Ensino de Graduação, em exercício, nos anos 1992 e 1993 e fui Membro Titular do Conselho Diretor da Fundação Universidade do Amazonas por 2 mandatos.

Na Secretaria de Estado da Educação do Amazonas - SEDUC/AM, fui Assessora Especial de 1995 a 1997 e Conselheira do Conselho Estadual de Educação do Amazonas por 4 mandatos.

No UNINORTE, fui Diretora Geral da Instituição desde janeiro de 1998 e passei à Reitora quando a Instituição se tornou Centro Universitário em 2004, permanecendo no cargo até 2012.

Julgo oportuno mencionar que fui uma das responsáveis pela elaboração dos Projetos de criação da Escola Superior Batista do Amazonas (ESBAM) e da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

**PRISMA:** Quais memórias gostaria de registrar da atuação docente - das aulas ministradas, das atividades extracurriculares, de eventuais atuações político-sociais, como participação em sindicatos, associações, etc, - de quando exercia o magistério na UFAM.

**Prof<sup>a</sup>. Maria Hercília:** Gostaria de fazer memória de uma aula quando ministrava a disciplina Prática de Ensino em Filosofia, e falava da importância do curso, oportunidade em que enfatizava a responsabilidade dos professores do curso como formadores de futuros agentes protagonistas, responsáveis por traçar as políticas públicas, seja na educação, na cultura e em outras áreas, com fortes reflexos na sociedade. Para reforçar o que falava, chamei a atenção da turma, de que os então atuais Secretário Estadual de Educação e Cultura do Amazonas e o Secretário Municipal de Educação de Manaus eram ambos egressos do Curso de Filosofia e tinham sido meus alunos. Levei a turma a refletir qual teria sido a minha parcela de contribuição na formação desses profissionais, em relação as suas tomadas de decisão, acertadas ou não. Juntos fomos elencando vários outros egressos do Curso que também exerciam ou tinham ocupado cargos ou funções de mando e concluí perguntando: conseguiram perceber o peso da responsabilidade de um professor de Filosofia, como formador de recursos humanos para atuar na sociedade?

Paralelamente às atividades docentes, realizei várias atividades na UFAM, como Chefe do Departamento de Filosofia (1975 a 1978), sendo responsável pela realização do primeiro Curso de Especialização em Filosofia. Fui Vice-Diretora do ICHL (1978 a 1984)

e Diretora do ICHL, em exercício, (1984 e 1985). Coordenei a Comissão Local do Programa Bolsa Trabalho/Arte MEC/UA (1978/80), que era um programa de extensão que envolvia alunos e professores, inclusive do Curso de Filosofia. Também coordenei a Comissão Interna do Protocolo de Integração das Universidades da Amazônia Legal (1982 a 1987), que era um projeto que reunia os pesquisadores das Universidades Federais dos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Acre e Rondônia. Fui, ainda, Chefe de Gabinete do Reitor (1986 a 1989); Fui Diretora do Departamento de Registro Acadêmico da PROEG (1989 a 1991). Pelas funções que exercia, fui membro do Conselho Departamental (CONDEP) do ICHL, do Conselho de Ensino e Pesquisa (CONSEPE) e do Conselho Universitário (CONSUNI) da UFAM. Em minha trajetória acadêmica, participei em inúmeros Congressos, Encontros, Simpósios, Semanas, e Reuniões sobre Filosofia, Universidade, Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Administração Acadêmica, Reforma Universitária, Legislação de Educação Superior, Programas de Extensão Universitária, Encontro de Pesquisadores da Amazônia, Encontros Nacionais e regionais de Executores de Programa Bolsa/Trabalho/Arte.

Reconheço o importante papel dos órgãos representativos de classe na defesa dos interesses de seus associados. Sou membro da Associação Docente da Universidade do Amazonas (ADUA) e fui também membro da Associação dos Servidores da Universidade do Amazonas (ASSUA) e minha participação na ADUA se dava, principalmente, nas Assembléias. Graças à atuação e empenho da ADUA fui beneficiada em vários processos: Plano Collor, Plano Bresser, etc.

**PRISMA:** Gostaríamos que comentasse sobre o impacto da formação docente com a realidade atual, comparando sua atuação anterior com a atual, bem como avaliando a situação da educação e da filosofia no contexto atual.

**Prof<sup>a</sup>. Maria Hercília:** Sempre trabalhei com amor, buscando a promoção humana, tanto antes como agora. Há dez anos passei a dedicar-me à evangelização. Sou cristã católica e tenho ministrado Cursos bíblicos, Jornadas, Retiros e Oficinas de Oração e Vida, sempre direcionados nas seguintes dimensões: reconciliar o homem consigo mesmo, com Deus, com o próximo, e até com o Universo numa fraternidade universal. Tendo em vista que a Filosofia permeia esses temas, a minha formação filosófica, alicerça e fundamenta a minha atuação atual.



Quanto à educação, avalio como preocupante! Quanto à Filosofia, como caminho de esperança. Não sei para onde caminha a educação no Brasil. Vejo a geração dos meus netos robotizada, com jovens escravizados a aparelhos celulares e redes sociais, sem vontade de ler, nem pensar, sem saber refletir, nem decidir. Vejo isso como um grande perigo que está levando a nossa sociedade à formação de meros copiadores de informações ao invés de pensadores. Além deste problema, vivemos, atualmente, no país, momentos difíceis, com graves prejuízos para educação. Como se não bastasse a pandemia do COVID/19 com suas consequências devastadoras, a desvalorização do profissional de educação, a redução drástica de verbas para ciência e educação, as desigualdades de oportunidades para os jovens estudantes, a adoção de inadequadas políticas públicas que vem inviabilizando o bom funcionamento das instituições de ensino, tem levado a educação brasileira a uma situação preocupante.

Mas não se pode perder a esperança! Vejo que um curso de Filosofia, por seu caráter crítico e formador de recursos humanos, pode contribuir para reverter esta situação. Isto se contar com abnegação e espírito criativo de seus professores e estudantes.

Estou convicta de que vocês, no nosso Curso de Filosofia da UFAM, lutam por isso! Continuem firmes! Não deixem morrer o entusiasmo pelo estudo, pelo ensino, pela extensão, pela pesquisa. Não desistam dos grupos de estudos, dos programas já existentes que muito têm contribuído para a formação docente. Numa avaliação do caminho percorrido nestes 60 anos do Curso, percebo o esforço sobre-humano dos professores que vêm construindo para uma trajetória exitosa do Curso de Filosofia da UFAM, buscando manter acesa a chama da esperança de dias melhores para a sociedade.

**PRISMA:** Prof<sup>a</sup>. Maria Hercília, reiterando nossos agradecimentos, gostaríamos que algumas palavras de incentivo aos professores e alunos do curso de filosofia.

**Prof<sup>a</sup>. Maria Hercília:** Quero deixar registrado meu agradecimento a minha querida ex-aluna e atual professora Valcicléia Pereira da Costa, que me fez este honroso convite para esta entrevista, na pessoa de quem agradeço aos demais alunos e professores, parabenizando-os pela escolha do curso.

Meus amigos, estou no ocaso da vida e, nesta altura dos anos, olho para trás e faço uma autocrítica: o que fiz da minha vida, contribuí para o bem da humanidade? Contribuí para melhorar a sociedade? Fiz escolhas acertadas? Valeu a pena ter vivido?

Vocês podem imaginar a alegria do meu coração, o que representou para mim o convite para participar dos festejos dos 60 anos do curso de filosofia e ser lembrada por

vocês após 30 anos de minha aposentadoria? É como se vocês estivessem respondendo a minha pergunta: sim, valeu a pena você ter vivido.

Para finalizar, compartilho com vocês que, em visita a Cora Coralina, em 1981, em Goiás Velho, um dos colegas que fazia parte de nosso grupo, lhe perguntou: "Cora, você é quase centenária, diga-nos na sua longa experiência de vida o que mais teve valor". Sem titubear, ela respondeu: "Na vida, duas coisas têm valor, o Trabalho e o Amor". Nunca esqueci!

Queridos amigos: TRABALHEM! AMEM!

Se unirem o trabalho com o amor serão felizes, contribuirão para um mundo melhor e poderão dizer no final da vida como eu, valeu a pena ter vivido!